

# Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Memórias corpóreas e escrita que nasce do corpo: processos em artes cênicas no curso de Pedagogia

Letícia Romero de Carvalho

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Para citar este artigo:

CARVALHO, Letícia Romero de; LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Memórias corpóreas e escrita que nasce do corpo: processos em artes cênicas no curso de Pedagogia. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573104532024e106

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## Memórias corpóreas e escrita que nasce do corpo: processos em artes cênicas no curso de Pedagogia<sup>1</sup>

Letícia Romero de Carvalho<sup>2</sup>

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi<sup>3</sup>

### Resumo

O artigo aborda um processo de formação de professores(as) baseado nas artes da cena no curso de Pedagogia que suscitou memórias corpóreas determinantes ao tema de pesquisa acerca das percepções de profissionais da Educação Infantil, no que tange à constituição dos corpos de meninas e meninos. A pesquisa tem abordagem qualitativa, caráter bibliográfico, inserção em campo e envolveu a narrativa autobiográfica. Os resultados indicam que refletir sobre marcas registradas no corpo propicia o estabelecimento de conexões relevantes à prática pedagógica, promove potente formação voltada à redução das discriminações de gênero e mobiliza professores(as) a priorizarem os pontos de vista das crianças.

**Palavras-chave:** Corpo. Artes cênicas. Formação docente. Escrita.

## Bodily memories and writing that arises from the body: processes in performing arts in the Pedagogy course

### Abstract

This article addresses a teacher education process based on performing arts in the Pedagogy course that aroused bodily memories that were decisive for the research topic regarding the perceptions of Early Childhood Education professionals regarding the constitution of the bodies of girls and boys. The research has a qualitative approach, bibliographical character, field insertion and involved the autobiographical narrative. The results indicate that reflecting on marks registered in the body facilitates the establishment of connections relevant to pedagogical practice, promotes powerful education aimed at reducing gender discrimination and mobilizes teachers to prioritize children's points of view.

**Keywords:** Body. Performing arts. Teacher education. Writing.

## Memorias corporales y escritura que proviene del cuerpo: procesos artísticos escénicos en el curso de Pedagogía

### Resumen

El artículo aborda un proceso de formación docente basado en las artes escénicas en la carrera de Pedagogía que despertó memorias corporales que determinaron el tema de investigación sobre las percepciones de los profesionales de la Educación Infantil, respecto de la constitución de los cuerpos de niñas y niños. La investigación tiene un enfoque cualitativo, de carácter bibliográfico, de inserción de campo e involucró la narrativa autobiográfica. Los resultados indican que reflexionar sobre las marcas registradas en el cuerpo permite establecer conexiones relevantes para la práctica pedagógica, promueve una poderosa formación orientada a reducir la discriminación de género y moviliza a los docentes para priorizar los puntos de vista de los niños.

**Palabras clave:** Cuerpo. Artes escénicas. Formación docente. Escritura.

<sup>1</sup> Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rubia Fernanda Quinelatto, vinculada ao centro de estudos e pesquisas da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba (UFSCar).  leticiarcarvalho23@gmail.com  
 <https://lattes.cnpq.br/7866285322858783>  <https://orcid.org/0000-0003-1760-5236>

<sup>3</sup> Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e University of Melbourne (Austrália). Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela USP. Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba (UFSCar).  lucialombardi@ufscar.br  
 <https://lattes.cnpq.br/5697508831302188>  <https://orcid.org/0000-0001-6978-864X>



*Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta numa tentativa.  
O que também é um prazer. Pois nem tudo eu quero pegar. Às vezes quero  
apenas tocar. Depois o que eu toco às vezes floresce e os outros podem pegar  
com as duas mãos*  
(Clarice Lispector, 2010, p. 23).

A citação da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977), assinalada como epígrafe deste artigo foi a mesma da pesquisa de Carvalho (2020), que aqui é abordada e disserta acerca do valor do processo como elemento fundamental nas artes e formação docente, com vistas para que se criem possibilidades de ressignificar acontecimentos e o que se pensa sobre eles.

O presente artigo se debruça sobre uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e com construção de dados obtidos em campo, realizada no período de dois anos (de 2019 a 2020) no Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (CoPICT) e no Trabalho de Conclusão de Curso (Carvalho, 2020), com debates realizados no Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE)<sup>4</sup>.

O objeto da investigação deu-se acerca das percepções de professoras da área da Educação Infantil sobre a criança pequena em relação a modos de “ser menina” e “ser menino”.

Desta feita, o presente artigo enfoca o modo como o presente tema despontou como interesse de pesquisa. Isto se deu no contexto das aulas voltadas à formação artística de Pedagogas(os), cursadas no período de 2018 a 2019, na Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar), a partir de memórias corpóreas, que emergiram das práticas das artes cênicas, com o corpo em movimento, na relação com as experiências estéticas e sensoriais, com o tempo, o espaço da sala de aula e as práticas performativas.

Ao estabelecer o corpo como principal veículo de pesquisa, possibilitou explorar, ressignificar e registrar por meio da escrita memórias afetivas que comprovam ser o corpo um lugar de saberes, narrativas e histórias importantes à formação docente.

---

<sup>4</sup> [www.giape.ufscar.br](http://www.giape.ufscar.br)



A metodologia envolveu também a realização de uma narrativa autobiográfica que intencionou uma reflexão sobre a identidade profissional, da forma como explicam Maria Passeggi, Elizeu Souza e Paula Vicentini (2011), quando afirmam que as “escritas de si” são um modo de estudar, por meio de processos de biografização, como dar forma às experiências e sentido ao que antes não tinha, com consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios habitados.

O texto apresenta recorte da pesquisa original, no qual se volta a aprofundar dois aspectos. Primeiro, apresenta o processo de despertar de memórias corpóreas e significados do próprio corpo da pesquisadora, emergentes durante as vivências com as artes da cena nas aulas de “Educação, Corpo e Movimento” e “Metodologia do Ensino de Arte”, no curso de Licenciatura em Pedagogia, na UFSCar. O processo de escuta e escrita do corpo que originou e determinou o tema da pesquisa é desenvolvido por meio da narrativa autobiográfica. O lugar de origem da investigação merece aprofundamento por revelar o quanto a arte propõe percepções estéticas e conceituais sobre meandros do cotidiano – em várias instâncias como a do corpo, da educação, da ética, da política – que possivelmente não seriam instigadas se não fosse por meio dela, a arte, e as experimentações artísticas. Em seguida, adentra-se as análises sobre como as crianças e as infâncias são pensadas em pluralidade e diversidade, atravessadas por condições variadas, dentre as quais, a de gênero.

Acordar o corpo, (re)conhecer o próprio corpo, visar a transformação gradual da *ausência* corporal para a *presença* corporal (Miller, 2007), inicia-se pela conduta de observação de si mesmo(a), “[...] atitude de atenção ao próprio corpo, ao mesmo tempo que ao espaço e às pessoas [...]” (Neves, 2008, p. 84). O despertar corporal pode evidenciar aspectos das culturas que nos colonizam, oprimem e ferem, em facetas que, como profissionais da Educação de crianças e suas múltiplas infâncias, almeja-se modificar.

Assim, o processo de refletir sobre memórias corpóreas e tomá-las como geradoras de pesquisa e de escrita, resultou em potente caminho de formação docente, que busca a redução das discriminações de gênero e questiona: as reflexões sobre gênero na formação de professores(as) e nas escolas de infância são capazes de priorizar os pontos de vista das crianças?



## Nossa casa-corpo em movimento na formação docente

“Educação, Corpo e Movimento” e “Metodologia do Ensino de Arte” são componentes curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia da Universidade pública do Estado de São Paulo, a qual se construiu como campo de construção de dados da pesquisa aqui apresentada. Os componentes têm 60 horas semestrais de carga horária divididas em créditos teóricos e práticos, que precisam considerar a formação abrangente e crítica de Pedagogas(os) acerca do universo multifacetado dos corpos na escola e do ensino de Arte para crianças<sup>5</sup>.

Aos temas “oficiais” que compõem as ementas, outros somam-se, emergem como demandas de conhecimento de futuras(os) Pedagogas(os), no campo dos estudos do/no corpo.

De acordo com Lombardi (2021), é preciso escutar regularmente a juventude que está em sala de aula da universidade, acolher todos os corpos – assumir o acolhimento como intrínseco à ação educativa (Staccioli, 2021) – e problematizar as temáticas que as(os) estudantes trazem, pois elas e eles “[...] são coetâneas aos problemas sociais contemporâneos e trazem em seus corpos certas demandas que ainda não fazem parte do currículo – cujos conteúdos por vezes se mantêm obsoletos –, mas precisam fazer” (Lombardi, 2021, p. 304).

Assim, as disciplinas se mantêm em constante remodelagem e abrigam ampla gama de questões, as quais adentram a sala de aula junto aos corpos de estudantes, tais como as que envolvem os binômios corpo-escolarizado, corpo-expressivo, corpo-criação, corpo-brincante, corpo-gênero, corpo-arte, corpo-política, corpo-negro, corpo-indígena, corpo-oprimido, corpo-pesquisa, corpo-campo-de-forças no contexto da práxis educativa. Como apresenta Klauss Vianna, o corpo chega à instituição educativa em sua inteireza, no qual é “[...] impossível dissociar vida de sala de aula” (Vianna, 1990, p. 31).

As práticas que compõem o cenário de investigações do/no corpo nas disciplinas dos campos da Arte e da Corporeidade têm sido construídas e

---

<sup>5</sup> O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar), que contém a ementa destes componentes curriculares pode ser acessado em: <https://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/pedagogia/sorocaba>



sistematicamente repensadas, ao longo de mais de três décadas de trabalho na perspectiva da educação somática, da sensibilização e percepção do movimento, que visa à construção da expressividade corporal, do jogo cênico, do teatro e da dança.

Em Lombardi (2022) realizou-se uma descrição mais detalhada desse trabalho, fundamentado nas modalidades das artes cênicas a partir de combinações de elementos da dança educativa moderna de Rudolf Laban, da Técnica Klauss Vianna (TKV), dos Jogos Teatrais de Viola Spolin e das culturas do brincar.

Haja vista que a educação corporal no curso de Pedagogia objetiva, dentre outros, desconstruir tensões do “[...] corpo massacrado na escola” (Vianna, 1990, p.17), exercitar o estado de presença (Neves, 2018), ressignificar o direito ao jogo, à dança, à imaginação, à exploração, mantém estreita relação com as especificidades da formação de professoras(es) da Educação Básica, principalmente da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para tal, criamos um caminho de autoconhecimento, de transgressão de crenças limitantes comuns às escolas brasileiras relacionadas a supostas oposições, tais como a do corpo versus a mente, ou a de que a dimensão lúdica da criança se oporia ao aprendizado.

Coloca-se nossa casa-corpo em movimento para gerar formação docente com níveis profundos de reflexão a respeito do trabalho pedagógico com as crianças e suas múltiplas infâncias. Em vista dessas considerações, as aulas em questão estabelecem abrigo para as subjetividades de corpos que se sensibilizam e, desta maneira, podem desvelar memórias, saberes, feridas, bem como descobertas de natureza poética, estética e educativa.

### Gênese da inquiet[AÇÃO] de pesquisa: heranças do corpo-criança

Na aula-abrigo, lugar de olhar para si e para as demandas dos corpos, nasceu o objeto da pesquisa voltado a analisar os discursos de professoras de crianças no que se refere aos corpos de meninas e meninos na Educação Infantil. Isto se



deu de modo condizente ao que ensinou Klauss Vianna no que concerne não ser benéfico ignorar as emoções em sala de aula, anestesiar e reprimir coisas dentro de nós. Vianna, (1990, p. 60) afirmou:

[...] não concordo com os que dizem que, ao entrar numa sala de aula, é preciso deixar os problemas lá fora. Impossível, pois minhas angústias e tensões estão presentes em meu corpo, em meus gestos. Durante a aula é impossível camuflar, esconder o que sinto, o que trago do cotidiano. Em vez de reprimir esses sentimentos é possível trabalhá-los, dimensionando-os de forma mais equilibrada. É fundamental trabalhar com essa consciência.

Como consequência da disponibilidade e da coragem de sentir, perceber e refletir, no processo das aulas, o corpo-criança provocou o corpo-professora com a memória que envolve a primeira autora deste artigo quando menina (3 anos), de ser vestida de sereia em uma festa, a contragosto. A criança pequena do passado acena para a Pedagoga em formação, e a convida a investigar as opressões ligadas a questões de gênero que acontecem desde a primeira infância.

Nesta esteira, Carvalho (2020, p. 6) afirma: “[...] momentos difíceis. Prefiro sentir as tristezas e as angústias que estes momentos podem trazer, já que considero importante viver os sentimentos, sejam eles quais forem”.

Fusões entre práticas de educação somática e a dimensão brincante, no decorrer das aulas despertaram essa “coisa fantástica” que é a memória corpórea, com “[...] sua capacidade de se fazer presente, gerando movimentos, gestos e gostos que vêm de um tempo que acreditávamos esquecidos [...]”. E, no entanto, a nossa memória afetiva se encarrega de nos trazer tudo de volta” (Dowbor, 2017, p. 35).

Na fase de exploração de brincadeiras tradicionais realizadas em grupo, atenta aos próprios sentidos, desejos, respiração e alegria de jogar, emergiram lembranças relacionadas a proibições de certos tipos de brincadeira, à obrigação de usar certas roupas, especialmente vestidos que inibiam os movimentos mais amplos, como decorrência da necessidade que algumas pessoas adultas sentem de diferenciar os corpos de meninas e meninos com marcadores de gênero.

Memórias de desconforto associadas à primeira infância, antes internalizadas,



ganharam nova existência na formação universitária, como a lembrança dos brincos. A estudante-pesquisadora se recordou de que quando bebê teve as orelhas furadas e, agora em formação docente, toma seu passado como interlocutor e reflete sobre o quanto os brincos lhe foram impostos, como um dos primeiros marcadores de gênero reproduzidos na vida de meninas.

Surgem as memórias de figurinos. Como explica Susana Rangel da Cunha (2011), enquanto artefatos culturais criados por adultos para as crianças pequenas são constituídos de significações atribuídas pela sociedade, que quando naturalizadas, regulam processos educativos e práticas sociais, influenciam condutas e participam da formação da personalidade.

Desta feita, dentre outros artefatos, os figurinos igualmente influenciam a forma como a criança cresce, visualiza o mundo e a si mesma, visto que o imaginário infantil absorve referências das produções culturais, que reforçam a estética homogênea e hierárquica, assim como padrões de comportamento e valores.

Por conseguinte, ressurgiu na primeira autora uma lembrança da comemoração de aniversário de três anos de idade, relacionada à incorporação de personagens midiáticos, momento em que foi obrigada a usar fantasia de sereia da princesa Ariel, personagem fictícia do filme de animação da *Walt Disney Pictures*, denominado “A Pequena Sereia”. A aniversariante protestou contra o uso daquele figurino que bloqueava seus movimentos mais livres, como o de correr. Todavia, sem ter sucesso em suas reivindicações, guardou memórias de um aniversário com limitações nas interações, necessidade de criar possibilidades de correr com um figurino que limitava os movimentos das pernas e impedia suas invenções brincantes.

É imperioso afirmar que da festa da primeira infância para a vida adulta na sala de aula da universidade, a recordação possibilitou sentir no corpo como os artefatos da cultura ensinam às crianças como elas devem ser e querer ser (Cunha, 2010). A autora do presente artigo percebeu que na fantasia, mascarada de situação imaginária, estavam presentes valores no tocante a determinado modo de ser mulher, que se impregnou em si, daquela personagem que trocou a



liberdade de percorrer os mares e de cantar, para estar junto a um homem que mal conhecia. Assim sendo, a imposição do uso da vestimenta, as lembranças sobre as falas das pessoas adultas que acompanharam a cena, as expectativas sobre o tipo de menina e, mais adiante, o tipo de mulher que queriam que a menina se tornasse, ensinavam que as roupas devem ser limitantes e desconfortáveis, a fim de que a menina seja uma “princesa bonita” frente à sociedade estabelecida, o que seria prioridade em detrimento à liberdade de brincar (Carvalho, 2020).

Na infância não era possível elucubrar a naturalização dos estereótipos de gênero, as problemáticas envolvidas nesta situação e em tantas outras que se assemelhavam. Todavia marcas ficaram registradas no corpo e práticas que levam em conta a sensação como modo de conhecimento no contexto de formação docente, reavivam memórias, as quais puderam ser ressignificadas pela arte e transformadas em inquiet[AÇÃO] de pesquisa.

Em aulas seguintes, realizou-se uma ação denominada “Palavra-Valise” abordada no XXVII Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB), de 2017 (Martins e Lombardi, 2017, p. 1952), assim descrita:

A proposta envolve escolher uma única palavra que possa conter/carregar em si – como faz uma valise ou mala – os significados mais importantes daquilo que cada pessoa pensa e sente sobre a questão formulada pela professora. A escolha da palavra vem junto com a escolha de uma parte do próprio corpo que mais potencialize seu significado. Então a palavra é temporariamente tatuada na pele e os estudantes se fotografam, uns ajudando os outros, usando seus aparelhos celulares. Cada pessoa dirige sua própria foto, dizendo em qual lugar da universidade quer estar e como deseja que a palavra e seu corpo sejam retratados.

Por ocasião desta provocação estética, a estudante-pesquisadora fez a experiência da sereia, e escreveu no corpo, em sua testa, peito e braço, a palavra “DESCONSTRUÇÃO”.

Figura 1 – “Sereia fora d’ água em DESCONSTRUÇÃO”. Ensaio com fotografia da autora quando criança (2001) e quanto estudante na Pedagogia (2018). Acervo da autora.



A apropriação dessas memórias corpóreas no processo de formação docente propiciou o estabelecimento de conexões entre certas marcas ou vestígios deixados como herança da infância e temas relevantes à prática pedagógica com crianças pequenas, por meio da ressignificação consciente dos significados carregados pelo corpo de professora.

Insta afirmar que escolher uma palavra para ser escrita no corpo, definir em quais partes corporais seria escrita, estabeleceu-se como um gesto carregado de significados simbólicos, como o de deslocar a memória, repensá-la, criar valor e conceder nova identidade à experiência. Percorrer esse caminho criativo e reflexivo potencializou o corpo como território de significação. Escrever uma reflexão na pele de forma temporária e fotografá-la tornou-se uma maneira estética de pensar sobre si mesma e de externalizar a descoberta para as outras pessoas.

As pesquisas do/no/sobre corpo se encontram em um território interdisciplinar que possibilita levantar debates sobre distintas dimensões da vida em sociedade, dentre as quais a discriminação de gênero e a homofobia, as quais se apresentam frequentes também nas escolas (Lombardi, 2021). A consciência da indissociação da identidade nos campos da vida, de forma dialética, confirma a inserção em uma estrutura constituída por uma cultura que inscreve modos de



ser e existir nos corpos. Isto permite identificar-se como professora-produtora de cultura, que assume responsabilidades sobre o que se escolhe em termos de acervo cultural a ser disponibilizado às crianças.

Trabalhar com as fotografias da estudante-pesquisadora em dois momentos distintos da vida instiga compreender-se inserida em uma cultura heteronormativa, na qual o corpo da menina e da mulher é subalternizado desde a primeira infância em razão do gênero. Além disso, foi possível enxergar outros caminhos não coercitivos à existência, desconstruir concepções acerca de si mesma e, inevitavelmente, almejar uma educação respeitosa.

Se na primeira foto a cauda da Ariel foi decidida por outras pessoas, na segunda, a escolha do figurino, da pose e da palavra escrita no corpo, foram uma decisão consciente que buscou significar a (re)existência da mesma pessoa. O percurso de compreender os processos de educação do próprio corpo, movimentou a necessidade de descobrir como eles acontecem nas creches e pré-escolas, com crianças que possuem a mesma faixa etária da menina da festa e 3 anos: primeira infância.

### Ser menina e menino na Educação Infantil

O estudo de Carvalho (2020) no que tange a gênero e sexualidade na infância, encontrou fundamento em pesquisas que explicitam mecanismos produzidos para a manutenção dos papéis de gênero, desde a idealização familiar e social do nascimento de uma criança (Faria, 2006; Finco, 2010, 2015; Buss-Simão, 2013; Vianna e Finco, 2009; Louro, 2019). Nasceu junto com a proposta de exercitar a escrita do corpo, que conforme Adrienne Guedes (*et al*, 2022), detém seu lugar, reivindica espaço para manifestar seus sentires, suas formas e contornos, a sua maneira de dizer, que para ocupar o cotidiano, retorna a um estado de presença.

A compreensão do eu foi produzida para além do conformado pelo corpo, traduz características construídas do ser mulher para percepções que extrapolam desejos e vontades individuais, mas que existem por pretensões que mantêm poder, valores e subalternidade. Conforme Daniela Finco (2015, p. 48-49):



As modernas sociedades ocidentais fixaram as características ‘básicas’ da masculinidade e da feminilidade com base nos aspectos biológicos. A normalização da dicotomia homens versus mulheres acabou por fundar a forma de pensamento segundo a qual: há um jeito de ser feminino e um jeito de ser masculino, há comportamentos, falas, gestos, posturas físicas, além de atividades e funções, que são entendidas como adequadas, “naturais”, apropriadas para as mulheres ou para os homens, meninas e meninos.

Entretanto, a pesquisadora percebeu que o que se veste, se fala ou se expressa são produções da estrutura que visam à sua manutenção. Assim, o corpo é marcado por atravessamentos que ditam regras de comportamento, vestimentas e relações. De acordo com Louro (2019), “[...] para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção”. Com o corpo coberto, outros marcadores precisam se desenvolver para reafirmação do gênero e a manutenção da estrutura (Buss-Simão, 2013). Roupas, acessórios, cores, objetos e outros artefatos da cultura visual passam a representar e a definir o gênero desde a infância (Cunha, 2011).

A reafirmação do que é ser menino ou menina se dá nas minúcias do cotidiano das crianças, desde os brincos nas orelhas das meninas ao nascerem, até a emocionalidade distinta atribuída a depender do corpo. Em outras palavras, “[...] as formas de construção identitária de gênero vão além da dimensão biológica, derivam de aprendizados culturais, de acordo com os diferentes contextos históricos sociais nos quais nos inserimos” (Fernandes e Finco, 2022, p. 237). Esse processo rigoroso de controle de comportamento, naturaliza estereótipos de gênero e se reflete diretamente na relação das crianças com seus pares.

As pesquisas de Daniela Finco (2010, 2015) demonstram que a naturalização corrobora para a construção de fronteiras de gênero dentro dessas relações, produzidas pelos mecanismos apresentados e delimitados pelas crianças em suas interações na escola. Apesar disso, a autora chama atenção para o fato de as crianças pequenas serem muito criativas e originais, capazes de ultrapassar fronteiras e preconceitos em relação à carga de estereótipos que sofrem. Isto porque, além do prazer e da necessidade que sentem de brincar, a brincadeira contribui à formação crítica, autônoma e atuante.



Faz-se necessário considerar as crianças como seres ativos na construção de suas identidades, posto que elas não aceitam a cultura como estática, entretanto participam dela com protagonismo, a reconstituem com a produção de suas próprias culturas infantis. Nesta esteira, meninos e meninas não aceitam as existências pré-estabelecidas, transgridem aos papéis de gênero e sexualidade que lhes são impostos e ressignificam o seu lugar no mundo (Finco, 2010, 2015; Buss-Simão, 2013; Louro, 2019).

Neste sentido, as crianças modificam os espaços generificados dispostos a elas, estabelecem novas relações com eles e com as concepções de existência pré-determinadas, transgridem *scripts* de gênero impostos e propõem novas possibilidades de performances no roteiro. Além disso, nesta perspectiva de protagonismo de suas escolhas e relações, faz-se necessário considerar que meninos e meninas podem reagir a esta mudança dos papéis apresentada por seus pares, no sentido contrário, na tentativa de restabelecer a ordem e apontar para o que deve ser modificado, a fim de que isso seja possível (Moraes e Felipe, 2024). Com desejo de compreender o processo na Educação Infantil, Carvalho (2020) buscou analisar os discursos das professoras de uma creche municipal da cidade de Sorocaba-SP, onde recolheu respostas a um questionário de três professoras da creche em que a pesquisadora atuava como residente do Programa Residência Pedagógica (PRP) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 2018. A proximidade da pesquisadora com o local de pesquisa foi estabelecida como um dos critérios para escolha do campo, uma vez que a falta de reflexão docente no que tange às questões de gênero e sexualidade no cotidiano com as crianças foi algo que chamou atenção ao decorrer de seu trabalho naquela escola.

Os dados revelaram grande vigilância pelas famílias em relação à reafirmação de gênero das crianças pequenas, com esforços de adultos para a produção da naturalização dos papéis para meninos e meninas. Uma das docentes participantes da pesquisa afirmou que eram comuns falas de pais e mães para os bebês meninos de que não podem chorar porque “são homens” e para as meninas que não façam “essa ou aquela brincadeira porque não é coisa de menina fazer” (Carvalho, 2020, p.57). A docente afirmou, ainda, ser comum atender mães que



questionavam se o filho brincava com as brincadeiras de menina na escola, quando afirmavam que o filho não podia brincar com as bonecas na creche, sob a justificativa que a família está ensinando para ele o “certo”. “Era claro o desespero da criança com o questionamento da mãe” (Carvalho, 2020, p. 55).

Louro (2019) afirma que a família é uma das instituições socializadoras dos corpos infantis, entretanto esse comportamento aparece comumente nas escolas. Apesar de todas as professoras participantes da pesquisa afirmarem que não acreditam na existência de brincadeiras específicas ou exclusivas de meninos ou as meninas, uma delas afirmou em seguida que a criança é capaz de fazer suas escolhas, porém “[...] tem que ter a orientação e supervisão de um adulto responsável”, para que possa ver se o que ela quer brincar é “brincável” (Carvalho, 2020, p. 55), estabelecido para a “[...] segurança da própria criança” já que, segundo ela, “[...] nós não vivemos em um mundo ideal” (Carvalho, 2020, p. 57).

Isto posto, demonstra-se que a vigilância dos comportamentos das crianças pequenas não está somente relacionada ao microsocial, às pessoas das famílias de meninos e meninas, mas também a docentes com quem elas têm interação direta na escola.

Esta fala da professora coloca a centralidade do processo nos padrões adultos de expectativa, e não vislumbra que assim são reproduzidos comportamentos discriminatórios. Corroborar-se com a pesquisa de Santos e Silva (2020, p. 21), ao constatarem que, a partir de suas observações das relações na Educação Infantil, “[...] as crianças buscavam adequar suas ações às estruturas impostas pela organização dos espaços e pela prática pedagógica, identificadas pela regulação adulta presente no interior da instituição de Educação Infantil”.

Isso reforça a necessidade de espaços na formação de pedagogas(os) que permitam a reflexão sobre a inibição de liberdade inscrita em seus próprios corpos. Refletir sobre a própria corporeidade é também gerar compreensões sobre o funcionamento da estrutura social e, a partir disso, possibilitar rompimentos desse ciclo de socialização.

Contudo, as respostas das professoras da creche evidenciaram que em suas formações, apesar de terem no mínimo 17 anos de carreira, não tiveram



oportunidade de ter nenhum tipo de preparação relacionada ao trabalho com a formação expressiva corporal, com as questões de gênero e sexualidade na Educação Infantil, tampouco sobre as construções culturais dos corpos masculinos e femininos.

Flavio Santiago (2020) demonstra a importância da apresentação de novos caminhos para meninos e meninas. Em sua pesquisa é evidente o fato de que os meninos pequenos se inspiram na presença de figuras adultas para exercer suas existências. Ao trazer novas possibilidades de ser homem às crianças, pôde notar maior segurança por parte dos meninos ao se permitirem vivenciar outros papéis nas brincadeiras, como os de cuidado, experienciando para além dos espaços generificados.

De acordo com Fernandes e Finco (2022), para que se encontre novas possibilidades na educação dos corpos de meninas e meninos, no sentido de contribuir para que construam suas maneiras de existir livres de estereótipos, é fundamental que haja diálogo entre as instituições de Educação Infantil, as famílias e as crianças. O que a pesquisa de Carvalho (2020) demonstra não ser a realidade, dado o distanciamento com que as professoras falam a respeito das demandas, que algumas famílias trazem em relação às questões de gênero.

Para além, destaca-se a importância de existirem práticas somáticas e artísticas, tais como as vivenciadas pela pesquisadora, nos processos formativos de Pedagogas(os). Olhar para si com atenção e consciência é capacitar-se a observar também o outro e, em um movimento indissociável, transformar os significados inscritos nos corpos tão violentamente educados, em um processo de acolher a menina sereia e receber a mulher em desconstrução.

## Considerações finais

Ao longo da formação artístico-corporal no curso de Pedagogia emergiram questões relacionadas ao próprio corpo da estudante-pesquisadora, que ao viver processos investigativos e criativos com as artes da cena, descobre aspectos das coisas vividas não antes percebidos. Como afirma Katia Canton (2009, p. 12):



A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção.

A formação corporal que integra teoria, prática e reflexão desperta a percepção de compreensões sobre a importância de uma formação corporal docente baseada em métodos que propiciem a sensibilização e o acordar dos corpos de Pedagogas(os), bem como a necessidade do olhar crítico para os comportamentos voltados ao controle dos corpos das crianças nas escolas de infância. Além disso, chamou atenção para a curadoria dos artefatos da cultura infantil que são escolhidos para compor o processo educativo, a fim de que não sejam reforçados comportamentos discriminatórios de meninos e meninas.

As creches e pré-escolas podem ser lugares tanto potencializadores de amarras sociais que perpetuam o preconceito e acentuam as relações de poder, essenciais à manutenção da sociedade patriarcal e sexista, ou serem lugares de educação respeitosa, afetuosa e contrária à construção de preconceitos. A pesquisa aqui apresentada revela a necessidade de a formação corporal docente, como tempo e lugar de fazer arte e reconstruir sentidos, contemplar ao mesmo tempo a discussão sobre os papéis de gênero nas infâncias. Isto amplia o olhar de profissionais da Educação Infantil para suas próprias identidades profissionais, para o trabalho pedagógico com a criança pequena nas creches e pré-escolas, com posse de saberes sobre a gama de possibilidades que existem no “ser feminino” e “ser masculino”.

A pesquisa de Carvalho (2020) iniciou a busca pela escrita que emerge das memórias corpóreas e reconhece o corpo como lugar de saberes. Considera que seja importante, na formação de pedagogas(os), o estabelecimento da reflexão acerca das opressões dirigidas ao corpo. O desenvolvimento de tomada de consciência no que tange à própria corporeidade pode ser um caminho à quebra do ciclo de violência e adestramento dos corpos das crianças na Educação Infantil, criando condições de libertação das amarras sociais e garantia de espaços que acolham a todas as maneiras de existir.



## Referências

BUSS-SIMÃO, Márcia. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, Dez. 2013, p. 939-960. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/VWWfRYYzLPQxXrSmVk6Rq5J/abstract/?lang=pt> #. Acesso em: 21 Set. 2024.

CANTON, Katia. *Da política às micropolíticas: temas da arte contemporânea*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Letícia Romero de. *Discursos de professoras sobre os corpos de meninas e meninos na Educação Infantil*. 2020. 62 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13770>. Acesso em: 21 Set. 2024.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Representações visuais de meninos e meninas: Relações entre imaginário e gênero*. Relatório de pesquisa. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/25856658/Representa%C3%A7%C3%B5es\\_visuais\\_de\\_meninos\\_e\\_meninas\\_Rela%C3%A7%C3%B5es\\_entre\\_imagin%C3%A1rio\\_e\\_g%C3%AAnero\\_RELAT%C3%93RIO\\_FINAL\\_2011](https://www.academia.edu/25856658/Representa%C3%A7%C3%B5es_visuais_de_meninos_e_meninas_Rela%C3%A7%C3%B5es_entre_imagin%C3%A1rio_e_g%C3%AAnero_RELAT%C3%93RIO_FINAL_2011). Acesso em: 21 set. 2024.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. As infâncias nas tramas da cultura visual. In: Martins, Raimundo e Tourinho, Irene (org.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010, p. 131-161.

DOWBOR, Fátima Freire. *Quem educa marca o corpo do outro*. São Paulo: Cortez, 2017.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 26, p. 279-287, Jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MWbkd5gNtMT77mSwpRtPMry/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2024.

FINCO, Daniela. Questões de gênero na educação da pequena infância brasileira. *Revista Studi sulla formazione*, v. 1, 2015, p. 47-58. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228534253.pdf> Acesso em: 21 set. 2024.

FINCO, Daniela. *Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-135714/pt-br.php>. Acesso em: 21 set. 2024.

FERNANDES, Noeli; FINCO, Daniela. *Diálogos necessários de gênero: Olhares e Culturas que se Entrecruzam na Educação Infantil*. *Revista Interações, [S. l.]*, v. 18, n. 61, p. 233–257, 2022. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/26981>. Acesso em: 16 set. 2024.

GUEDES, Adrienne Ogêda; ROSA, Carolina Cony Dariano da; BEMVENUTO, Virna da Silva; BEMVENUTO, Vitória da Silva. Quando escrever é mover: Por uma (des)educação performativa na escrita acadêmica. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis-SC, v. 2, n. 44, set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21556>. Acesso em: 07 jun.2024.

LISPECTOR, Clarice. *Crônicas para jovens: de escrita e vida*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. *(Des)Educação do corpo pelas artes na formação de pedagogas(os)*. *Urdimento- Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 1, 2022, p. 1-26. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21566>. Acesso em: 20 set. 2024.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Temas emergentes em estudos do e no corpo no curso de Pedagogia. *Revista Contrapontos* (online), v. 20, p. 289-311, 2021. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/16249> Acesso em: 20 set. 2024.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, Mirian Celeste e LOMBARDI, Lucia. Ensino de Arte no curso de Pedagogia: travessia e perigo. In: LIMA, Caciano Silva; FERNANDES, Vera Lúcia Penzo (Org.) *XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil; V Congresso Internacional dos Arte/Educadores; II Seminário de Cultura e Educação de Mato Grosso do Sul* [recurso eletrônico]: anais. Campo Grande, MS: Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2017, p. 1944-1955. Disponível em: <https://faeb.com.br/anais-confaeb-2017/> Acesso em: 07 maio. 2024.

MILLER, Jussara. *A escuta do corpo: sistematização da técnica Klauss Vianna*. São Paulo: Summus, 2007.

MORAES, Jéssica; FELIPE, Jane. Scripts de gênero e as performances das crianças que reverberam no contexto da Educação Infantil. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. e132192, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/132192>. Acesso em: 10 set. 2024.

NEVES, Neide. Presença [Verbete]. *Revista TKV*, v. 1, nº. 2. 2018, p. 4. Disponível em: <https://www.revistatkv.art.br/segunda-edicao-n-2-2018> Acesso em: 07 set. 2024.

NEVES, Neide. *Klauss Vianna: estudos para uma dramaturgia corporal*. São Paulo: Cortez, 2008.



PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: Pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.27, n.01, abr. 2011, p.369-386. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 maio. 2024.

SANTIAGO, Flavio. “Não é nenê, ela é preta”: educação infantil e pensamento interseccional. *Educação em Revista*, v. 36, p. e220090, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/tyzm4v7TDVpDtsBcNmvhKzz/> Acesso em: 13 set. 2024.

SANTOS, Sandro; SILVA, Isabel. Relações de gênero na Educação Infantil: estrutura e agência no processo de construção de sentidos sobre ser menino e ser menina. *Educar em Revista*, v. 36, p. e69973, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xmkxwZbvLJG5dmgHxGVYdNM>. Acesso em: 12 ago. 2024.

STACCIOLI, Gianfranco. *Diário do Acolhimento na escola da infância* [livro eletrônico]. Coordenação Ana Lúcia Goulart de Faria. Campinas: Editora Autores Associados, 2021. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/195478>. Acesso em: 14 julho. 2024.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cad. Pagu*, Campinas-SP, n. 33, p. 265-283, Dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/GXVR8FrdMjrcWHvLWcv7xrF/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2024.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Siciliano, 1990.

Recebido em: 20/09/2024

Aprovado em: 16/10/2024